



# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

## REVELANDO A MEDIAÇÃO DA EMOÇÃO NA PRÁTICA SOCIAL: EM BUSCA DE UM ENTENDIMENTO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NA ORGANIZAÇÃO À LUZ DA TEORIA DA ATIVIDADE

Liliane Canopf<sup>1</sup>

Raquel Dorigan de Matos<sup>2</sup>

Yára Lúcia Mazziotti Bulgacov<sup>3</sup>

Denise de Camargo<sup>4</sup>

### RESUMO

O artigo tem como objetivo delinear o entendimento do desenvolvimento humano na organização, para tanto, adotamos a Teoria da Atividade como referencial teórico. Organização é concebida como um agir no espaço da vida, contribuindo para a transformação tanto dos sujeitos quanto do próprio objeto. A prática social como uma atividade coletiva e significada, que configura-se como a menor unidade significativa para análise da organização. E a atividade como uma formação coletiva e sistêmica que possui uma estrutura mediadora complexa e pode ser representada em um modelo de atividade humana que contempla o sujeito, o objeto, as regras, a comunidade e a divisão do trabalho. É neste modelo de sistema de atividade humana que se propõe a inserção da emoção como categoria mediadora das relações entre os sujeitos. A força, o ímpeto da emoção precisa ser reconhecido, pois do contrário ela não permitirá ao indivíduo sequer pensar, uma vez que a emoção ocorre antes de qualquer pensamento. Estabelece-se que a emoção e os sentimentos são elementos constitutivos da cognição, da mesma forma que a memória, a percepção, a atenção, a imaginação, a vontade e a linguagem. Lembrando que para Vigotski (2010) o racional e o emocional são partes um do outro, que ambos estão localizados em nossas crenças às vezes profundamente arraigadas acerca do mundo e das formas de apreensão dele. Para além de acrescentar uma categoria, o que se sugere é ampliar as possibilidades de desvelar o processo de desenvolvimento humano.

**Palavras-Chave:** prática; teoria da atividade; emoção; desenvolvimento humano

### 1. Introdução

Pesquisas que se pretendam verdadeiramente significativas e não-formais da prática social não podem abstrair o desenvolvimento do conteúdo das relações do sujeito e da sua

---

<sup>1</sup>[lilianec@utfpr.edu.br](mailto:lilianec@utfpr.edu.br)

<sup>2</sup>[raqueldorigan@uol.com.br](mailto:raqueldorigan@uol.com.br)

<sup>3</sup>[ybulgacov@gmail.com](mailto:ybulgacov@gmail.com)

<sup>4</sup>[denisedecamargo@uol.com.br](mailto:denisedecamargo@uol.com.br)



# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

atitude frente ao mundo, ao contrário, a descrição deve começar justamente com uma análise destas relações e atitudes. Isto porque a atividade essencialmente humana e criadora de sentido só pode ser entendida como atividade dirigida e situada e estudada a partir do cotidiano, da rotina diária, da vida realmente vivida no mundo, da forma pela qual os corpos são movimentados, os objetos são manipulados, os sujeitos interagem, as coisas são descritas e o mundo é compreendido (CASSANDRE, CANOPF, TIBOLA & BULGACOV, 2010).

Para estudar a atividade em um cenário articulado, o autor YrjöEngeström propõe a Teoria da Atividade, assumindo em seus estudos a perspectiva histórico-cultural<sup>1</sup> a partir de Vigotski<sup>2</sup>. Olhar para o trabalho, como uma atividade produtiva que visa a um objetivo determinado, uma condição da existência humana (MARX, 1985), possibilita sair de uma posição dicotômica entre ‘saber x fazer’, ‘conceito x experiência’, ‘teoria x prática’, entendendo-se que essas ideias não podem existir individualmente (ALVES & CUNHA, 2008). Ter pressupostos vigotskianos significa compartilhar como fundamento do conceito em Marx da materialidade do mundo, os sujeitos concretos e complexos, a importância das relações na formação do ser e da mediação sempre presente nestas relações. Vigotski considera que o comportamento superior humano é regido por um processo de mediação, em que um elemento intermediário intervém na atividade humana, na própria consciência do sujeito. Este elo intermediário pode ser um instrumento ou um signo (TEIXEIRA, 2005). Ao desenvolver pesquisa segundo estes pressupostos considera-se adequado pesquisar a ação inserida na situação, veiculando a interpretação ao contexto, uma vez que a interação social é situada, inclusive o pesquisador não será um mero expectador, mas um participante ativo, influenciado e influenciando as relações que se estabelecem.

Atividade segundo Engeström (1987) é uma formação coletiva e sistêmica que possui uma estrutura mediadora complexa e pode ser representada em um modelo de atividade humana que contempla o sujeito, o objeto, as regras, a comunidade e a divisão do trabalho. É neste modelo de sistema de atividade humana que se propõe a inserção da emoção como categoria mediadora das relações entre os sujeitos. Sistema neste trabalho é entendido como um conjunto complexo e interdependente de elementos estruturais, no qual uns se relacionam com os outros, mediados pela própria relação, originando um sistema singular (REY, 2003).

---

<sup>1</sup>Engeström identifica-se como autor da terceira geração pós-vigotskiana. Esta diferencia-se da segunda geração (personificada por Leontiev e a abordagem sócio-histórica), ao destacar os aspectos históricos e culturais, pois compreende o homem como ser social por excelência. Nesta perspectiva, cultura e história somente se dão no seio de uma sociedade, definindo assim a Teoria da Atividade como Histórico-Cultural (*Cultural Historical Activity Theory – CHAT*)(DANIELS, 2011).

<sup>2</sup>Conforme Teixeira (2005) há na literatura diferentes formas de transcrição dos caracteres russos do nome de Liev Semionovitch Vigotski, tais como: Wygotsky, Vygotsky, Vygotskj, Vygotski, Vigotskii, Vigotski. Os motivos para tal são que o som de algumas letras do alfabeto cirílico nem sempre têm equivalentes em caracteres do nosso alfabeto e, segundo, pelas particularidades das diferentes línguas ocidentais para as quais se traduzem as obras deste autor. Neste trabalho este nome será grafado com “i”, da mesma forma que em Teixeira (2005) e outros textos consultados.



Para além de acrescentar uma categoria, o que se sugere é ampliar as possibilidades de desvelar o processo de desenvolvimento humano. Pesquisas recentes apontam a vida afetiva como fator imprescindível em qualquer atividade humana, como já afirmava Vigotski (2010), a emoção não é um agente menor que o pensamento, mas um importante agente na construção da singularidade do ser. Dizer que um sujeito é singular é dizer que ele é um sujeito dialético e complexo, “um homem que de forma simultânea representa uma singularidade e um ser social, relação esta que não é uma relação de determinação externa, mas uma relação recursiva em que cada um está simultaneamente implicado na configuração plurideterminada dentro da qual se manifesta a ação do outro” (REY, 2003, p. 224).

O processo de apropriação do conhecimento acumulado ao longo da história da humanidade, a síntese que se faz dele, o processo em que o que era dos outros torna-se meu, é marcado pela emoção. O saber que era dos outros passa a ter minhas cores, sabores, linguagem, mímicas e história, tornando-se “meu”. Como expõe Breton (2009), até meu corpo é meu por carregar traços de minha história pessoal, de uma sensibilidade que é a minha, mas contém igualmente uma dimensão que em parte me escapa, remetendo aos simbolismos que conferem substância ao elo social, sem os quais eu não seria. Para Heller (1993) o processo de desenvolvimento, de assimilação de normas, produz um sentimento e também sua expressão.

A força, o ímpeto da emoção precisa ser reconhecido, pois do contrário ela não permitirá ao indivíduo sequer pensar, uma vez que a emoção ocorre antes de qualquer pensamento. Como impulso primeiro ela é indiscutivelmente importante, podendo ser um facilitador ou dificultador das relações (GOLEMAN, 1995). O próprio termo relação já é primordialmente eivado de emoções.

## **1. Fundamentos Histórico-Culturais: das Relações à Atividade Situada**

Para Vigotski (2010) todas as funções psicológicas superiores se originam como relações reais entre indivíduos humanos, sendo que até mesmo o comportamento humano é um processo de interação entre o organismo e o meio (DANIELS, 2011). Comportamento é apresentado por Vigotski (2010, p. 135) como “um processo de interação entre o organismo e o meio”. O homem, considerado em sua totalidade, experiência, corporalidade, tem necessidade de interagir com o exterior, e nessa interação modifica o espaço em que está inserido e a si próprio e, desde as suas primeiras relações estão presentes as expectativas, as esperanças, os receios, os conflitos, enfim, todas as representações sociais inscritas em uma dada cultura (CAMARGO & BULGACOV, 2006). Para desenvolver plenamente seu relacionamento com o mundo, o homem demanda que a presença dos outros sobre ele reverbere, o outro é a estrutura que organiza a ordem de significado do mundo (BRETON, 2009). Esta relação do sujeito com o meio, suas interações sociais mais amplas, irão constituir a prática (BUGACOV & VIZEU, 2011). Esta, ao dar-se nas relações, é intrinsecamente social e constituinte do social.

É na relação do indivíduo com o meio que emerge a prática como principal força que dirige a evolução do pensamento, pode-se dizer que a prática humana é a própria base do conhecimento humano (TEIXEIRA, 2005). Mas não é uma relação de determinação externa é uma relação recursiva em que cada um está simultaneamente implicado na



configuração plurideterminada dentro da qual se manifesta a ação do outro, gerando um sujeito de caráter dialético e complexo, um homem concreto que, de forma simultânea, representa uma singularidade e um ser social (REY, 2003). A emoção revela esta singularidade em suas ambivalências, em seus estilos particulares (BRETON, 2009).

Oliveira, Bulgacov e Canhada (2011) destacam a natureza “trans-individual” das práticas sociais. São elas que orientam e educam a atenção e moldam as disposições na vivência diária, processo tanto consciente como inconsciente, ao mesmo tempo. Assim, a prática social pode ser tomada como fenômeno da vida cotidiana e como objeto de estudo.

De acordo com nosso entendimento, Vigotski contribuiu para o avanço do estudo sobre práticas sociais ao superar o fundamento do pensamento científico de sua época, que era representado pela máxima determinista S-R (estímulo – resposta). Ele introduziu o conceito de mediação, e as relações do sujeito com o meio passaram a ser representadas pela fórmula S-M-O (Sujeito – Artefatos Mediadores – Objeto). O conceito de mediação de Vigotski foi central na sua avaliação da formação social do sujeito, ele abriu caminho para uma avaliação não determinista em que mediadores servem como o meio pelo qual o indivíduo exerce ação sobre fatores sociais, culturais e históricos, sofrendo a ação destes no curso da contínua atividade humana (DANIELS, 2011).

Como o acesso ao concreto se dá pela mediação da análise, mediação do abstrato, para se chegar a ele é preciso valer-se dos múltiplos aspectos que explicitam a realidade, caminho esse que só o pensamento pode fazer. O processo de construção do pensamento parte do empírico (real concreto), passa pela análise (abstrato) e só então chega ao concreto. “O concreto (no pensamento) deve ser aí entendido, não exatamente como algo tangível, um objeto, por exemplo, mas como um conhecimento mais profundo e substancial dos fenômenos da realidade” (TEIXEIRA, 2005, p. 76).

A mediação por ferramentas ou artefatos deve ser interpretada como um movimento, gerado a partir do intercâmbio entre pessoas, em direção ao desenvolvimento da competência individual (DANIELS, 2011). Ela é o mecanismo que explica a conversão do público em privado, do social em pessoal, mas sem subtrair ao sujeito sua singularidade, uma vez que essa sugere diferentes sistemas de representação e significação da realidade. A criação de mediadores semióticos foi um evento determinante da história humana, uma vez que é através desses mediadores que os homens operam suas relações sociais. No entanto, esse elo intermediário não deve ser entendido linear e diretamente, mas como interveniente na consciência do sujeito (TEIXEIRA, 2005).

Vigotski distinguia os mediadores entre instrumento ou signo ou, entre ferramentas psicológicas e outras chamadas técnicas. Os instrumentos ou ferramentas técnicas são elementos interpostos entre o homem e o objeto da sua atividade, usadas para produzir mudanças qualitativas nesta relação. Com propriedades físicas, mecânicas e químicas, um exemplo é o martelo, que carrega em si milhares de anos de história que lhe deram o aspecto morfológico e funcional que ele detém hoje. Já os signos ou ferramentas psicológicas, são símbolos artificiais introduzidos pelo homem em uma situação psicológica com a função de auto-estimulação, autoderminação. Os objetos são usados para dirigir a mente e o comportamento próprios ou de outra pessoa, sendo esta mediação chamada de mediação semiótica (TEIXEIRA 2005; DANIELS, 2011). Apesar da distinção didática, instrumentos e signos estão mutuamente ligados e todo signo pressupõe um elemento material (TEIXEIRA, 2005).



# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

A atividade semiótica (com signos) é uma “função organizadora específica que invade o processo do uso de instrumentos e produz formas fundamentalmente novas de comportamento”, deste modo a alteração que o homem provoca na natureza altera a própria natureza do homem (VIGOTSKI, 1989 apud TEIXEIRA, 2005, p. 101). Até a verdadeira essência da memória humana está no fato de os seres humanos serem capazes de lembrar ativamente com a ajuda de signos. É o uso combinado de signos e instrumentos que muda qualitativamente as funções psicológicas, de processos simples para processos mais complexos, denominadas funções psicológicas superiores. Estas são equivalentes ao próprio modo de funcionar humano, por exemplo, a linguagem, o pensamento, a memória, o sentimento (TEIXEIRA, 2005).

Em harmonia com sua avaliação da formação sociocultural do sujeito, mediada por artefato, Vigotski propôs que o foco de observação e experimentação deveria ser os processos mediados através dos quais formas superiores de funcionamento da consciência são estabelecidas. Enfatizava a necessidade de desenvolver teorias e metodologias vigorosas que capacitariam cientistas sociais a estudar os modos como os seres humanos tanto moldam quanto são moldados pelos artefatos que medeiam seu engajamento com o mundo.

Ao reconhecer que a cultura tanto cria indivíduos como é uma criação humana, Vigotski indica que modos de pensar e de sentir podem ser influenciados e moldados pela disponibilidade de artefatos culturais que são eles próprios produtos de atividade mediada. Estudar algo historicamente significa estudá-lo no processo de mudança, exigência básica do método dialético. Contemplar na pesquisa o processo de desenvolvimento em todas as suas fases e mudanças significa descobrir sua natureza, sua essência, pois “é somente em movimento que um corpo mostra o que ele é” (VYGOTSKY, 1978 apud DANIELS, 2011, p.27).

Incluir os artefatos mediadores como orientadores da ação transformou toda a perspectiva que existia até então sobre o sujeito e sua prática cotidiana. O sujeito, de limitado, determinado e apenas receptor, passa a ser um sujeito complexo, prenhe de possibilidades, com motivos e finalidades. E a prática passa a ser vista como uma atividade essencialmente humana e criadora de sentido, podendo ser entendida como uma atividade dirigida e situada que pode ser estudada a partir do cotidiano, da rotina diária, da vida realmente vivida no mundo, da forma pela qual os corpos são movimentados, os objetos são manipulados, os sujeitos interagem, as coisas são descritas e o mundo é compreendido (CASSANDRE, CANOPF, TIBOLA & BULGACOV, 2010).

Kozulin (1996) enfatiza que para Vigotski a atividade socialmente construída é geradora de consciência, sendo esta então uma série de atividades. Diretamente relacionada ao conceito marxista de *práxis*, entendida como atividade histórica concreta que dá conta da especificidade, isto é, do caráter social e histórico, da sobrevivência e desenvolvimento humanos. Atividade tem como características o simbolismo e a convencionalidade dos signos, sendo estes seu principal mediador. Enquanto objeto de pesquisa, a atividade deve ter seu próprio sistema de elementos estruturais e seus próprios sistemas explanatórios, que devem considerar o princípio da mediação semiótica e o papel da cultura. Vigotski distingue entre “objeto de estudo” e o “princípio explanatório”, sendo este uma camada de realidade mais ampla que envolve o objeto de estudo, por exemplo, se a consciência for tomada como objeto de estudo psicológico, a atividade socialmente



carregada tem de ser referida no curso de uma explanação, servindo como tal camada (KOZULIN, 1996).

Para Vigotski (1998, p. 49) é Lewin quem, na análise da psicologia da atividade propositada, apresenta uma “clara definição de atividade voluntária como um produto do desenvolvimento histórico-cultural do comportamento e como um aspecto característico da psicologia humana”. A concepção de atividade de Engeström (1987), detalhada como uma formação coletiva e sistêmica, que possui uma estrutura mediadora complexa, representada por um sistema de atividade, produz ações e é realizado por meio de ações. Entretanto, a atividade não é redutível às ações, pois estas são relativamente efêmeras e possuem um começo e um fim temporalmente nítidos, já os sistemas de atividade evoluem sobre períodos extensos de tempo sócio-histórico.

Engeström (1987) defende o estudo de ferramentas ou artefatos como componentes do funcionamento humano, integrais e inseparáveis sustenta que o foco do estudo da mediação deveria estar na sua relação com os outros componentes de um sistema de atividade. A Figura 1 representa os elementos sociais/coletivos em um sistema de atividade através da comunidade, das regras e da divisão do trabalho, e ao mesmo tempo enfatiza a importância da análise de suas interações recíprocas. O objeto é retratado com uma oval, indicando que as ações orientadas por objeto são sempre, explícita ou implicitamente, caracterizadas por ambiguidade, surpresa, interpretação, produção de sentido e potencial para mudança.

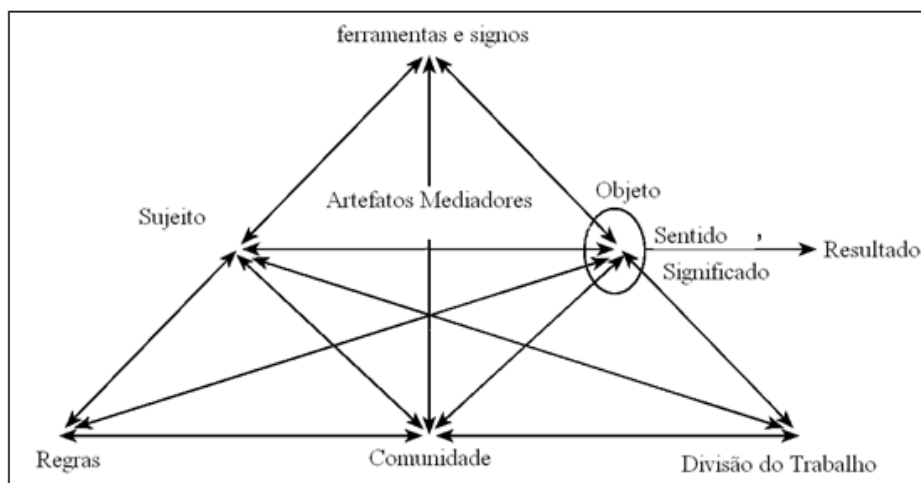


Figura 1: A estrutura de um sistema de atividade humana

Fonte: Engeström, Y. (1987). Learning by expanding: an activity-theoretical approach to developmental research. Helsinki: Orienta-Konsultit, p.78.

É frente a estas características que Normam (1993 apud DANIELS, 2011) passa a tratar da atividade como situada. Reconhecendo que o conhecimento humano e a interação não podem ser divorciados do mundo, o que representaria estudar uma inteligência desencarnada, uma inteligência artificial, irreal e não característica do comportamento real, o autor apregoa que o que realmente interessa são a situação e os papéis que as pessoas desempenham. A constituição mútua de pessoa e situação numa contínua e emergente interação dialética de conformação indissociável. A interação dialética é



entendida como interpenetração dos contrários, negação da negação como a lei de todo o desenvolvimento, tese-antítese e síntese, a transformação da quantidade em qualidade como explicação da maneira pela qual a mudança evolucionária se torna revolucionária (MARX, 1985).

Não se pode olhar apenas para a situação, ou apenas para o ambiente, ou apenas para a pessoa, fazê-lo é destruir o próprio fenômeno de interesse. É a mútua acomodação das pessoas e do ambiente que interessa, de modo que focar somente aspectos isolados é destruir a interação, eliminar o papel da situação sobre a cognição e sobre a ação. Como Lave e Wenger (1991 apud DANIELS, 2011, p. 131) observam: “situado [...] sugere que uma dada prática social é multiplicar interconectado com outros aspectos de processos sociais contínuos em sistemas de atividade em muitos níveis de particularidade e generalidade”. O objeto de estudo sociocultural são eventos, atividade e prática, por isso é metodologicamente necessário estudar práticas situadas. Leontiev (2006) lembra que atividades são os processos psicologicamente caracterizados por aquilo a que o processo, como um todo, se dirige (seu objeto), coincidindo sempre com o objetivo que estimula o sujeito a executar esta atividade, isto é, o motivo, elementos intrinsecamente ligados ao desenvolvimento humano.

Assumir a Teoria da Atividade de Engeström como principal suporte para realizar uma análise situada de uma prática significa considerar a estrutura humana complexa, produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. Complexo no sentido de sistema portador de uma diferença interna, sistema inventivo, criador de regimes de funcionamento variados e imprevisíveis. A complexidade se apresenta como uma região de instabilidade, de onde ocorre a bifurcação, a criação de linhas divergentes, possuidoras de regras de funcionamento distintas (KASTRUP, 1999). Vital em estudos vigotskianos, é reconhecer que a própria consciência do indivíduo procede da relação dialética deste com a experiência, e que toda a natureza, a história e o espírito se desencadeiam em um constante processo de movimento, mudança e transformação (TEIXEIRA, 2005).

## 2. Atividade e Desenvolvimento Humano

Segundo Kastrup (1999) buscou-se tanto as semelhanças entre o homem e as outras espécies que habitam a terra, que talvez seja tempo de apontar o que nos diferencia. Para Vigotski (1998) essa diferenciação está no fato dos animais serem incapazes de aprendizado no sentido humano do termo, o aprendizado humano é peculiar, pois pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam. Por isso Lantolf (2004 apud DANIELS, 2011), sustenta que Vigotski, a partir das bases *praxis*, mediação e atividade, fundou uma teoria da mente, que reconhece o papel central que as relações sociais e os artefatos construídos culturalmente desempenham na organização de formas de pensar unicamente humanas.

Em Vigotski o desenvolvimento humano é uma atividade revolucionária. E enquanto revolução o desenvolvimento não é unidimensional, existem ganhos, mas também perdas, com a transformação temporal da cognição (KASTRUP, 1999). Rimé (1993 como citado em Camargo & Bulgacov, 2006), alerta que as representações de



origem motora continuam a veicular no adulto, elementos essenciais da significação dos acontecimentos que este vivencia, ou seja, os modos de apreensão da realidade não são suplantados e eliminados. Desenvolvimento não é uma função simples que possa ser determinada a partir da equação hereditariedade x ambiente. Trata-se de um complexo histórico que, a cada estágio, revela o passado que é uma parte dele. Desenvolvimento é “a luta de opostos” e é exclusivamente esta concepção que pode sustentar a pesquisa verdadeiramente dialética (DANIELS, 2011).

Segundo a tradição do materialismo dialético, o concreto no pensamento é uma síntese de suas múltiplas determinações. O concreto chega ao pensamento através de um processo que inicia com a manifestação imediata da realidade aos nossos sentidos, passa então pela via da abstração até chegar à captação das múltiplas determinações do real, imperceptíveis imediatamente aos sentidos, e chegar ao concreto no pensamento. “Em síntese, o ponto de partida do conhecimento é o concreto real (empírico) e o ponto de chegada é o concreto pensado” (TEIXEIRA, 2005, p.76). Comentando Vigotski, o autor explica que todas as funções psicológicas superiores “surgem em cena duas vezes, em dois planos”, primeiro no plano social, como categoria intersíquica e depois no plano subjetivo, como categoria intrapsíquica. No entanto, o homem não internaliza exatamente as coisas em si mesmas, mas a significação dessas coisas, veiculadas e/ou produzidas pela palavra do outro. Assim, significação não é a mera transmissão de significações do mundo exterior para o mundo interior de um ser passivo. Trata-se de um ato que só pode provir de um sujeito ativo. A significação não é dada, mas criada pelos homens em suas relações interpessoais.

Partindo destas assertivas, o conhecimento pode ser conceituado como experimentação com o meio. O sujeito cognoscente e o meio, que se dá a conhecer, não são independentes, dados previamente ao processo cognitivo, ao contrário, estruturam-se mutuamente ao longo da história, advindo daí a importância do ser como um todo, não sendo possível separar razão do corpo no ato de conhecer. “O homem, mesmo que quisesse não se compartimenta em cérebro e no restante” (KASTRUP, 1999, p.172). A cognição observada na prática cotidiana está distribuída, estendida e não dividida entre mente, corpo, atividade e ambiente (DANIELS, 2011).

O desenvolvimento humano é um processo dialético complexo caracterizado pela periodicidade e desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, pela metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, embricamento de fatores internos e externos, e processos adaptativos que superam os impedimentos encontrados ao longo deste processo (VIGOSTKI, 1998).

Como nos adverte Mello (2000), é preciso sempre focar quem é homem e como este homem se desenvolve e conhece, um ser consciente para o qual o mundo objetivo surge através da atividade, sendo esta mediatizada por instrumentos. Assim o conceito de atividade está unido a motivo e estes são histórico-social e culturalmente construídos. “O homem se torna humano na sua relação com os objetos socialmente criados e com os outros homens presentes e passados” (MELLO, 2000, p.7), assim sendo, a consciência não é apriorística, ela é desenvolvida a partir das condições concretas, produto de um processo de apropriação e objetivação.

Ao comentar críticas à “psicologia cognitiva”, até mesmo em sua versão cultural, por negligenciar, ou até ignorar, o lugar da emoção e do sentimento na vida da mente, Bruner (2001) argumenta que não é necessário ser desta forma e questiona por que o





interesse na cognição deveria descartar o sentimento e a emoção. Camargo (2004) resgata que apenas os teóricos de tradição psicanalista, têm tido o mérito de reconhecer uma profunda integração entre a dimensão cognitiva e a dimensão afetiva. Bruner (2001) reconhece que as emoções e os sentimentos estão presentes nos processos de produção de significado e nas construções da realidade. E, não importa se for adotar a visão de que a emoção é uma reação direta e não mediada ao mundo com consequências cognitivas subsequentes, ou a visão de que a emoção requer uma inferência cognitiva prévia, ela ainda está “lá” e tem que ser enfrentada. Especialmente quando se trata da construção do *self*, pois uma parte deste é a relação entre emoção, cognição, memória, percepção, enfim, todas as funções psicológicas superiores, que possuem uma forma culturalmente mediada que merece ser constantemente estudada (CAMARGO, 2004).

Para Maffesoli (2005) a modernidade presencia o surgimento de uma nova socialidade, na qual não há mais garantias ideológicas, religiosas, institucionais ou políticas e por isso há necessidade de um novo modo de saber, uma sabedoria relativista, que assume a existência de verdades parciais em relação umas com as outras. Em uma nova ética de situações põem-se em ação uma nova sensibilidade, atenciosa à paixão e a emoção, aos afetos impregnados nos fenômenos humanos. Defende o autor que, apesar da aparente não racionalidade, estas coisas sempre atravessaram as histórias individuais e coletivas da humanidade, não sendo assim algo novo a se desenvolver, mas algo a se resgatar. Momento que Camargo (2004) considera propício para a ciência cognitiva redefinir cognição, sensibilizando-a, tornando-a humana.

Em decorrência da estrutura culturalmente mediada da consciência ser a relação entre emoção, cognição, memória, percepção e todas as funções psicológicas superiores, um importante aspecto das pesquisas de Vigotski foi a descoberta de que mudanças nas formas práticas da atividade, produzem alterações qualitativas nos processos do pensamento dos indivíduos (CAMARGO, 2004). Destarte, institui-se que é necessário avançar em relação ao estudo da emoção na atividade humana para ampliar o conhecimento sobre desenvolvimento humano.

### **3. Desenvolvimento Humano e Emoção**

Kastrup (1999) define a emoção como um “abalo afetivo da alma”. Já para Goleman (1995) o termo emoção refere a um sentimento e seus pensamentos distintos, estados psicológicos e biológicos, e a uma gama de tendências para agir. Há centenas de emoções, juntamente com suas combinações, variações, mutações e matizes. A emoção é uma condição permanente na definição do sujeito. A linguagem e o pensamento se expressam a partir do estado emocional de quem fala e pensa, nesta relação emoção x pensamento, de acordo com o que se encontra no centro da consciência, a emoção pode ser figura (protagonista) ou fundo (coadjuvante) (CAMARGO, 2004). Como exemplifica Breton (2009), às vezes o indivíduo pode ter a impressão de que conseguiu “racionalizar” em parte sua afetividade ao perceber, por exemplo, que ela o está prejudicando, mas o que aconteceu foi que, ao invés de se distanciar de sua emoção, o sujeito apenas a submeteu a outro registro, ele nunca a elimina.

A emoção caracteriza o estado do sujeito ante toda ação, ou seja, as emoções estão estreitamente associadas às ações, por meio das quais caracterizam o sujeito no espaço de



# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

suas relações sociais, entrando assim no cenário da cultura. As emoções são fenômenos complexos que abrangem múltiplas dimensões, fonte permanente da produção de necessidades, elas organizam e reorganizam as necessidades que aparecem como momentos de desenvolvimento de configurações subjetivas da personalidade, que se encontram implicadas em todos os momentos de atividade do sujeito individual. Portanto, a produção permanente de emoções caracteriza a atividade do sujeito, uma condição dominante que acompanha sua ação cotidiana (REY, 2003).

A emoção é a própria propagação de um acontecimento passado, presente ou vindouro, real ou imaginário, na relação do indivíduo com o mundo. Elapreenche o horizonte, é breve e explícita em seus termos gestuais, mímicas, posturas e modificações fisiológicas. O sentimento instala a emoção no tempo, diluindo-a em uma sucessão de momentos conexos, ela implica uma variação de intensidade, entretanto, permanece em uma mesma linha de significado. A emoção é a recitação moral do acontecimento, restando clara em sua expressão. Ela se exprime em uma série de mímicas e gestos, em comportamentos e em discursos cultural e socialmente marcados, sobre os quais também exercem influência os recursos interpretativos e a sensibilidade individual (BRETON, 2009).

A afetividade é um pensamento em movimento que não exaure o *cogito*, sua emergência também depende de mecanismos inconscientes. É possível controlá-la, ou influenciar sua expressão a fim de propiciar um ajustamento mais favorável às circunstâncias. Mesmo as decisões mais racionais ou “frias” envolvem emoções. Os processos emocionais estão embasados em valores, significados e expectativas, diferenciando o homem do computador. O “coração” e a “razão”, longe de se dispersarem, entremeiam-se de forma necessária, influenciando-se mutuamente. “Existe uma inteligibilidade da emoção, uma lógica que a ela se impõe; da mesma forma, uma afetividade no mais rigoroso dos pensamentos, uma emoção que o condiciona” (BRETON, 2009, p. 112).

Como aspecto importante da constituição do homem, a emoção remete ao fato de que a ciência não é o único caminho que conduz ao progresso do conhecimento (CAMARGO 2004). A prática, a percepção e as diferentes artes constituem meios para obter conhecimento e formar-se uma ideia. A racionalidade é guiada e pode ser gerada pelo sentimento, mas em uma relação dialética em que até mesmo o tipo de emoção que uma pessoa vivencia depende do que ela pensa sobre a situação na qual a emoção é experimentada, pois a cultura lapida a emoção através da linguagem. Vigotski (2010, p. 146) declara que o amor pode vir a ser um talento tanto quanto a genialidade, quanto a descoberta do cálculo diferencial, pois “em ambos os casos o comportamento humano assume formas exclusivas e grandiosas”.

Não existe processo cognitivo sem trabalho afetivo e vice-versa. A inteligência não pode ser concebida sem estar impregnada de afetividade (BRETON, 2009). Para Goleman (1995, p. 67) é a emoção que pode dar a verdadeira medida da inteligência humana, “a chave para uma tomada de decisão mais sábia é em suma estar mais sintonizado com nossos sentimentos”. Heller (1993) argumenta que ação, pensamento e sentimento não se separam, pois um não existe sem o outro, estas manifestações da vida humana só podem ser separadas funcionalmente. Agir, pensar, sentir e perceber é um processo unificado.

Emoção e cognição estão unificadas em um sistema dinâmico, significativo e interdependente, que coloca em funcionamento um sistema funcional que incorpora



funções psicológicas como a percepção, a atenção, a memória, a linguagem, o pensamento, a emoção e os sentimentos, que se inter-relacionam por meio de conexões complexas, com mobilidade constante em sua estrutura, no decorrer do desenvolvimento e da atividade do ser humano. Portanto, as emoções são fatores de suporte contínuo que afetam toda a atividade humana, dessa forma, inclusive a deliberação racional e a contemplação compenetrada possuem demandas emocionais específicas (CAMARGO, 2004).

A emoção está inclusive presente na seleção das percepções que estão armazenadas na memória de curto prazo que passarão para a memória de longo prazo, rejeitando aquelas em que o sujeito não está implicado. Conjugando o estar implicado com a valoração moral dos acontecimentos, faz das emoções sentimentos cognoscitivos-situacionais (HELLER, 1993). Quando emoções subtraem a concentração, o que está sendo subtraído de fato é a capacidade mental cognitiva que os cientistas chamam de “memória funcional”, isto é, a capacidade de ter em mente toda a informação relevante para a execução de uma determinada tarefa. A memória funcional é uma função executiva por excelência na vida mental, possibilitando todos os outros esforços intelectuais. Quando angústia emocional domina, o ônus recai na eficácia da memória funcional e o sujeito não consegue pensar direito. Por outro lado há todo um papel da motivação positiva como sentimentos de entusiasmo, zelo e confiança, que estão envolvidos na conquista do sucesso na vida (GOLEMAN, 1995). Conforme já afirmava Vigotski (1998), a capacidade ou incapacidade de focalizar a própria atenção é um determinante essencial do sucesso ou não de qualquer operação prática.

Ao discutir os fundamentos da positividade da emoção na prática social da pesquisa em organizações, Bulgacov e Vizeu (2011, p. 491), lembram que “o homem atua interferindo, pela atividade, no mundo, ao mesmo tempo em que é afetado por essa realidade das relações do mundo subjetivo, social e cultural”. Assim, o homem é afetado pelo mundo em todo seu ser, inclusive em suas emoções.

Para Maffesoli (2005) é desejável e possível integrar à progressão de conhecimento uma dimensão sensível, integrar sentidos e teoria, passando a ter, todos os envolvidos, uma postura entusiasmante, e chega a dizer um vínculo espiritual, ao referir-se a uma unidade profunda e interior. É, segundo o autor, nesta íntima unicidade que tudo se sustenta, onde cada coisa entra em sintonia, onde há interdependência. Para Vigotski (1982) o pensamento é gerado pela motivação, isto é, pelos desejos e necessidades, interesses e emoções do sujeito, ao que complementa Davidov (1999, apud LIBÂNEO, 2004, p.14).

A coisa mais importante na atividade científica não é a reflexão, nem o pensamento, nem a tarefa, mas a esfera das necessidades e emoções. [...] As emoções são muito mais fundamentais do que os pensamentos, elas são a base para todas as diferentes tarefas que um homem estabelece para si mesmo, incluindo as tarefas do pensar.

Assim, para Rey (2003), as emoções são inclusive formadoras de sentido na processualidade das diferentes ações e práticas sociais deste sujeito. Sendo que sentido, na perspectiva vigostkiana, é sempre uma formação dinâmica, variável e complexa e que tem



várias zonas de estabilidade diferente. Para entender este processo, é preciso relembrar que as necessidades estão associadas ao sujeito dentro do conjunto de suas práticas sociais e são um estado afetivo que aparece pela integração de um conjunto de emoções de diferentes procedências no curso de uma relação ou de uma atividade realizada pelo sujeito. Necessidades são estados produtores de sentido, associados à atuação do sujeito numa atividade concreta. Toda atividade ou relação implica o surgimento de um conjunto de necessidades. Sentido, para o sujeito, se dá no contexto da realização da dita ação, mesmo que nele participem emoções que não estão relacionadas diretamente ao contexto da ação e sejam uma expressão do estado geral de cada sujeito no momento de realização de sua ação, assim como de sua constituição subjetiva.

Leontiev (2006) associava atividade, emoções e sentimentos. Clot (2010) corrobora este pensamento com a afirmação de que emoção, assim como a cognição, é dependente da atividade. A integração da emoção com outras funções psicológicas realiza-se através da interiorização de significados na atividade social dos indivíduos. Relações são sempre permeadas de afetividade. Relações de indivíduos concretos que vivem na multiforme realidade social, que mantêm relações complexas com as pessoas ao seu redor, com instituições sociais, com os produtos da cultura humana. Relações que se estabelecem na atividade e dependem do lugar que o indivíduo ocupa na sociedade, das condições sociais e históricas e das circunstâncias que são únicas (CAMARGO & BULGACOV, 2006).

Pensar a experiência entre conhecimento e sentidos não como um processo individual, mas como uma relação dialética com forte carga social, permite entender que o sentimento é coletivo e que remete à consequências, tantos sociais quanto políticas, para melhor ou para pior, pois as emoções enquanto concretas estão enraizadas em uma subjetividade comunitária. O desafio que se apresenta é aliar o inteligível ao sensível (MAFFESOLI, 2005).

Estando as emoções humanas indissolúvelmente associadas às relações do sujeito, elas se tornam a definição sensível do acontecimento tal como o vive o indivíduo, a tradução existencial imediata e íntima de um valor confrontado com o mundo. São, emanções sociais ligadas a circunstâncias morais e à sensibilidade particular do indivíduo. Breton (2009) chega a afirmar que as emoções não são espontâneas, mas ritualmente organizadas, reconhecidas em si e exibidas aos outros, elas mobilizam vocabulário e discursos, pois provêm da comunicação social. O indivíduo aplica suas peculiaridades sobre um tecido coletivo reconhecível por seus pares, ele as desenha de acordo com sua história pessoal, sua psicologia, seu *status* social, seu sexo, sua idade, entre outras características individuais. As emoções nutridas pelos indivíduos distribuem os valores e as hierarquias que sustentam a afetividade (BRETON, 2009).

Entender a emoção como função primária do indivíduo, que se torna complexa no decorrer do processo de apropriação da cultura, estabelecendo relações com outras funções psicológicas como atenção, memória, percepção, pensamento, vontade, formando um sistema motivacional complexo e interdependente, mediado pela relação com os outros e pela linguagem (Camargo, 2004), significa vê-la como desenvolvida nas relações. Como nos diz Heller (1993), aprendemos a sentir. Para a autora as emoções são os sentimentos mais complexos que aprendemos, elas não são estados absolutos, substâncias que se pode transpor de um indivíduo ou grupo a outro. Tampouco são, ao menos exclusivamente, processos fisiológicos cujos segredos estariam contidos no corpo, trata-se de relações. “O



grupo é o terreno fértil das emoções, onde se desenvolvem ao máximo” (Breton, 2009, p. 164).

Como nos alerta Camargo (2004), a emoção tem como sua primeira função a comunicação. É ela que permite ao homem estabelecer os seus primeiros contatos. Desde que nasce, o homem precisa se comunicar com o mundo, processo no qual já sofre a ação do mundo e atua sobre ele. É através da emoção que se dão as bases das relações interindividuais. Espécie de pré-linguagem dirigida ao outro, a emoção é uma reação vital de vinculação com o mundo exterior, anúnciado desenvolvimento psíquico na comunicação, na relação com o outro (CAMARGO & BULGACOV, 2006), sua função fundamental nas interações sociais pode ser entendida como “vinculação do indivíduo com o mundo exterior” (PHILIPPE MARTINET, 1981 apud CAMARGO, 2004, p. 108).

Apesar de parecer que a expressão das emoções emana da intimidade mais secreta do sujeito, elas também são social e culturalmente modeladas. Os gestos que sustentam a relação com o mundo e que o colore não provêm nem de uma pura e simples fisiologia, nem unicamente da psicologia, ambas se incrustam a um simbolismo corporal que lhes confere sentido, nutrindo-se, ainda, da cultura afetiva que o sujeito vive à sua maneira. De uma sociedade humana a outra, os homens sentem afetivamente os acontecimentos de sua existência por intermédio de diferentes repertórios culturais, os quais, embora por vezes se assemelhem, não são idênticos. Por extensão, elas confirmam que até as nossas sensações mais íntimas, as mais inatingíveis, os limites de nossas percepções, nossos gestos mais elementares, e até a forma do nosso corpo e tantas outras características, provêm de um meio social e cultural particular (BRETON, 2009). A própria apropriação da cultura, impulsionadora do desenvolvimento, se dá nas relações intersubjetivas que são emocionais, como todas as relações humanas. A internalização da cultura ocorre sob emoção (CAMARGO, 2004).

A emoção consiste em uma negociação consigo mesmo e com os outros presentes dentro de si, ela resulta de uma interpretação. São modos de afiliação a uma comunidade social, uma maneira de se reconhecer e de poder se comunicar em conjunto sobre a base da proximidade sentimental. Normas particulares de etiqueta regem a emoção sentida, elas modulam sua expressão, prescrevendo as atitudes a serem adotadas, os gestos ou mímicas específicas, um estilo expressivo particular. Afinal as relações de troca estão inseridas em uma cultura, que se manifesta em suas instituições, representações, seus valores e significações, assim no processo de apropriação da cultura pelo homem, com a internalização da linguagem, os nexos entre suas funções psicológicas se alteram. As formas mais adaptadas de comunicação vão esculpindo a emoção, tornando-a mais encoberta e mediada pela linguagem (CAMARGO & BULGACOV, 2006).

As emoções que nos acometem e a maneira como elas repercutem sobre nós têm origem em normas coletivas implícitas, ou, no mais das vezes, em orientações de comportamento que cada um exprime de acordo com seu estilo, de acordo com sua apropriação pessoal da cultura e dos valores circundantes (BRETON, 2009). As emoções complexificam e diversificam o comportamento. Há um novo sentido que se introduz no comportamento com a presença de emoções. As mesmas palavras, porém pronunciadas com sentimento, agem sobre os sujeitos de modo diferente daquelas pronunciadas sem vida (VIGOTSKI, 2010). Denominados sentimentos orientativos por Heller (1993), que podem ser tanto afirmativos quanto negativos, estas manifestações emocionais moldam e guiam o comportamento humano. Resultantes da demolição dos instintos, estes





sentimentos são adquiridos através das objetivações sociais. “O desencadeador das emoções é necessariamente um dado cultural tramado no âmago do vínculo social e nutrido por toda a história do sujeito” (BRETON, 2009, p. 117). São formas organizadas da existência, identificáveis no seio de um mesmo grupo, porque provêm de uma simbólica social, embora se traduzam de acordo com as circunstâncias e com as singularidades individuais, sua expressão está ligada à própria interpretação que o indivíduo faz do acontecimento que o afeta moralmente, modificando sua relação com o mundo de maneira provisória ou durável, seja por anos, seja por alguns segundos.

As emoções traduzem a ressonância afetiva do acontecimento de maneira compreensível aos olhos dos outros. Sua providência não é exclusivamente individual, ela é uma consequência íntima, ocorrida na primeira pessoa, de um aprendizado social, em primeiro lugar e em segundo lugar, de uma identificação com os outros. Essas duas dimensões alimentam conjuntamente a sociabilidade e assinalam ao sujeito o que ele deve sentir, de qual maneira e em quais condições precisas. As emoções não existem desvinculadas da formação da sensibilidade que o relacionamento com os outros ensina no seio de uma cultura e em um contexto particular, correspondendo a explicações sociais e culturais bem diferentes de acordo com os lugares (BRETON, 2009).

Como fruto das relações do sujeito em uma dada sociedade, tempo e cultura, as emoções se transformam ao longo da vida, inclusive porque a sociedade impõe regulações às mesmas, à sua expressão e ao seu conteúdo (HELLER, 1993). Nesse processo de transformação as emoções entram em relações com outras funções e passam a se expressar junto ou através delas (CAMARGO & BULGACOV, 2006), mudando inclusive a forma como o sujeito é percebido pela ciência. A primeira geração de cientistas cognitivistas adotou um modelo de seres humanos apenas racionais, no entanto, nos anos 1970, 1980 e 1990 pesquisas desacreditaram a noção de que indivíduos são máquinas lógicas e admitiram a existência de diferenças consideráveis de como as pessoas podem raciocinar sobre diferentes problemas (CAMARGO, 2004). Independente das mudanças, para Rimé (1993, apud CAMARGO & BULGACOV, 2006) o sistema sensitivo-motor e as modificações fisiológicas que acompanham a emoção continuam desempenhando sua contribuição em nossa apreensão da realidade.

Para que a emoção tenha espaço em estudos sobre o homem é necessário uma mudança na concepção de emoção. As emoções não são expressões selvagens que vêm quebrar condutas razoáveis, elas obedecem a lógicas pessoais e sociais, elas têm também sua razão, da mesma forma que a razão não se concebe uma inteligência pétrea ou maquinal (BRETON, 2009). É preciso deixar de compreender a emoção como desorganizadora do comportamento e passar a compreendê-la como base da construção do conhecimento.

Uma vez que o pensamento humano tem suas origens na esfera motivadora da consciência, uma esfera que inclui nossas inclinações e necessidades, nossos interesses e impulsos, e nosso afeto e emoções, a tendência afetiva e volitiva permanece por trás do pensamento. Somente aqui encontramos a resposta ao ‘por quê?’ final na análise do pensar (VYGOTSKI, 1982). Para Heller (1993), um ato de inteligência (pensamento cognoscitivo, solução de problemas) não pode existir sem implicação, por isso desenvolvimento e sentimento avançam paralelamente.

Implicação é apresentada por Heller (1993) como sendo parte estrutural inerente à ação e ao pensamento, concilia vontade, desejo e sentimento e é responsável pelas



escolhas em todas as instâncias da percepção, servindo até mesmo para ordenar e reordenar o conhecimento. É o grau de implicação que pode transformar uma simples disposição emocional em uma paixão. Seu oposto poderia ser verificado no recebimento de uma informação que não tem implicação para o sujeito receptor. A implicação pode ser positiva ou negativa, ativa ou reativa, e também direta ou indireta.

Para Vigotski (2010) a vinculação de emoção e propósito pode ser exemplificada através do papel do brinquedo no desenvolvimento da criança. É o propósito que irá decidir o jogo e justificar a atividade e como objetivo final determinar a atitude afetiva da criança no brinquedo, sendo esta importante para que a criança alcance prazer funcional na atividade de brincar dando espaço às possibilidades de desenvolvimento. O sentimento não surge por si só, é sempre antecedido por estímulo e sua causa poder externa ou interna. “Toda emoção é um chamamento à ação ou uma renúncia a ela” (VIGOTSKI, 2010, p. 139). Reforçando esta ideia Camargo (2004) comenta que o homem é um agente intencional, pois apenas ele entre todos os seres vivos desenvolve a habilidade de compreender a intencionalidade do outro.

Uma questão importante é que as emoções capacitam a pessoa para decidir desde o começo de uma atividade se os meios físicos, espirituais e morais de que ela necessita para realizar a tarefa estão disponíveis. Se as emoções dizem: “não, os meios não estão disponíveis”, a pessoa se nega a realizar a tarefa (DAVYDOV, 1999 apud REY, 2003, p.245). Assim, propõe-se incluir como categoria de pesquisa a dimensão da “emoção enquanto gênese e sustentação<sup>3</sup> da atividade humana, como construtora de sentido” (CAMARGO, 2012) aos elementos já propostos pela Teoria da Atividade, conforme pode ser visualizado na Figura 2:

---

<sup>3</sup> Sustentação é um termo musical que designa a capacidade de um instrumento em prolongar uma nota uma vez que essa tenha sido emitida, ou seja, sem que o tocador tenha que emití-la novamente (CAMARGO, 2012).

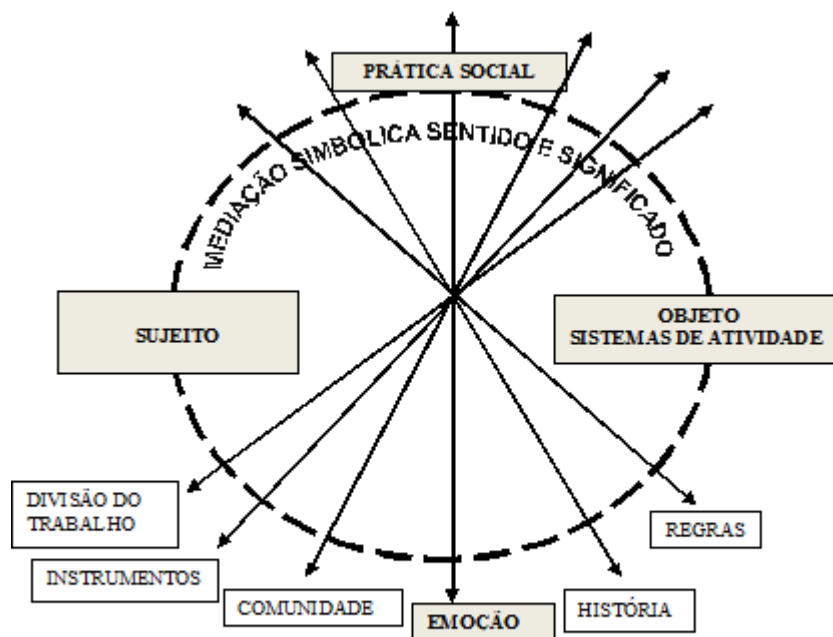


Figura 2: Modelo de sistema de atividade com elementos de pesquisa

Fonte: Elaborado por Canopf (2012), baseado em Engeström, Y. (1987). *Learning by expanding: an activity-theoretical approach to developmental research*. Helsinki: Orienta-Konsultit, p.78.

Ao propor um novo desenho com a inserção da categoria emoção à estrutura de um sistema de atividade humana de Engeström (1987), mantêm-se os cinco princípios da teoria da atividade destacados por Daniels (2011): O primeiro é que a unidade primordial de análise é um sistema de atividade coletivo, mediado por artefato e orientado por objeto, visto em suas relações de rede com outros sistemas de atividade. O segundo princípio é a multiplicidade de vozes dos sistemas de atividade, que são os múltiplos pontos de vista, tradições e interesses. O terceiro princípio é a historicidade. Os sistemas de atividade tomam forma e são transformados em extensos períodos de tempo. O quarto princípio é o papel central das contradições como fontes de mudança e desenvolvimento. E o quinto princípio é a possibilidade de transformações expansivas ou, ciclos relativamente longos de transformações qualitativas. Tendo estes princípios como norteadores e acrescentado o conceito de emoção aos demais mediadores, os pesquisadores podem entrar em contato com o campo empírico e fazerem novos recortes dos sistemas de atividades componentes e suficientes para análise de uma prática social.

#### 4. Considerações Finais



Ao tomar “atividade” como referencial de pesquisa esta irá contribuir com categorias de análise na construção de uma abordagem de prática social como uma prática historicamente constituída e reconstituída pela ação humana e social, ou seja, uma prática reflexiva, mas é preciso certo cuidado, pois como adverte Clot (2007), as atividades não estão “todas prontas” à espera de uma explicação, pois ao se transformarem em linguagem, as atividades se reorganizam e se modificam, sendo a própria atividade uma relação de transfiguração entre o dado e o criado. Além disso, Leontiev (2006) nos lembra que não são todos os processos que são chamados de atividade. Por esse termo ele designa apenas aqueles processos que, realizando as relações do homem com o mundo, satisfazem uma necessidade especial correspondente a ele.

Conforme Heller (1993) o que faz a diferença entre as atividades meio e as atividades fins, é a implicação. Atividades meio pela repetição são privadas de implicação, atividades fins são cheias de implicação. Segundo Leontiev (2006), a estrutura da atividade surge após a manifestação de uma necessidade que se converte em motivo quando mobiliza o sujeito para um objetivo. A atitude é o modo de preparação à ação que produz o estado de tensão, excitação, condição para uma ação determinada ou para a supressão da ação, sendo, portanto, emoção (CAMARGO, 2004).

Imbricado à atividade está o desenvolvimento humano, o qual para Clot (2007) consiste em o sujeito por o mundo social a seu serviço, em fazer dele um mundo para si a fim de integrar-se a ele, ou seja, consiste em reformulá-lo participando da elaboração de novas significações. O autor propõe duas zonas de desenvolvimento potencial: o intelecto e o afeto. Argumenta que é preciso remeter o intelecto e o afeto aos conflitos do pensamento, contudo, isso não basta, o essencial é o imperativo de devolver o pensamento à vida, pois longe de ser o mero paralelismo entre um exercício cognitivo e uma transferência afetiva, o pensamento se define, sobretudo, em razão do fato de que age sobre o mundo.

O mundo dos afetos é um mundo real que interage de forma contínua e forte sobre a vida dos indivíduos, ignorar este mundo é ignorar-se a si mesmo como ser integral. Para Camargo (2004) está clara a necessidade de abandonar dicotomias entre objetividade e subjetividade, entre razão e emoção. Clara também a importância para o bem-estar das pessoas de entrar em contato com seus sentimentos ou aprender a expressar melhor as emoções. Estabelece-se que a emoção e os sentimentos são elementos constitutivos da cognição, da mesma forma que a memória, a percepção, a atenção, a imaginação, a vontade e a linguagem. Lembrando que para Vigotski (2010) o racional e o emocional são partes um do outro, que ambos estão localizados em nossas crenças às vezes profundamente retidas e amiúde largamente tácitas acerca do mundo e das formas de apreensão dele.

As reações emocionais exercem a influência mais substancial sobre todas as formas do nosso comportamento. Para atingir uma melhor memorização ou um trabalho melhor sucedido do pensamento, tanto uma quanto outra atividade deve ser estimulada emocionalmente. A experiência e estudos mostraram que o fato emocionalmente colorido é lembrado com mais intensidade e solidez do que um fato indiferente. Sempre que comunicamos alguma coisa a alguém, devemos procurar atingir o seu sentimento. Isso se faz necessário não só como meio para melhor memorização e apreensão, mas também como objetivo em si (Vigotski, 2010).



Conforme a advertência de alguns críticos dos modelos teóricos dominantes é tempo de mudar padrões de pensamento, apesar de ser mais fácil ceder às facilidades das construções teóricas já conhecidas e dominantes, mesmo que estas tentem esvaziar os fenômenos do sensível, do vivido. Defende Maffesoli (2005) que a temática do sensível, no sentido de experimentado, vivido, a busca de equilíbrio entre o intelecto e o afeto, poderiam ser as marcas da pós-modernidade, enquanto rompimento com a modernidade. Segundo este autor, no momento em que o racionalismo inicia, ele também estabelece seus limites, entre eles a incapacidade de perceber e apreender a experiência vivida. Para a empreitada de melhor apreender o movimento perpétuo e contraditório da vida devem ser conclamadas todas as capacidades do intelecto humano, inclusive as da sensibilidade. A razão que o autor propõe para o novo tempo de pluriculturalismo que se prenuncia, é essencialmente dinâmica, vital, capaz de integrar aquilo que parece ser seu contrário, em um método que seja acima tudo encaminhamento. E é como encaminhamento que este trabalho propõe acrescentar a categoria emoção enquanto gênese e sustentação da atividade humana, como construtora de sentido, ao modelo proposto pela Teoria da Atividade de Engeström (1987), em busca de revelar novas dimensões dos processos/fenômenos essencialmente humanos.

## Referências Bibliográficas

ALVES, V. A. & CUNHA, D. M.. Um olhar sobre o trabalho docente no interior de uma escola privada. Extra-Classe: **Revista de Trabalho e Educação**, v. 2,2008, pp. 106-127.

BRETON, D. L.. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis: Vozes,2009.

BULGACOV, Y. L. M. & VIZEU, F.. A positividade da emoção na prática da pesquisa social em organizações. **Cad. EBAPE**, 9, (spe 1), 2011, julho, pp. 488-509.

CLOT, Y.. **A função psicológica do trabalho**.Petrópolis: Vozes,2007.

CLOT, Y.. **Trabalho e poder de agir**.Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

CAMARGO, D.. **As emoções & a escola**.Curitiba: Travessa dos Editores,2004.

CAMARGO, D. de & BULGACOV, Y. L. M.. **Identidade e emoção**. Curitiba: Travessa dos editores,2006.

CAMARGO, D.. **Notas de discussão para grupo de estudo**.Grupo de Pesquisa: Práticas, Subjetividade e Organizações.Curitiba, 2012.

CANOPF, L.. **Fundamentação de Projeto de Tese**. Curitiba: Universidade Positivo, 2012.

CASSANDRE, M. P.; CANOPF, L.; TIBOLA, J. A. & BULGACOV, Y. L. M. (). Gênero e Estilo na prática das Manipuladoras de Alimentos: uma aproximação empírica aos estudos organizacionais na perspectiva sócio-histórica e cultural.In: **ANPAD**.Anais do





# III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

XXXIV Encontro Nacional da Pós-graduação em Administração. CD-ROM. Rio de Janeiro, RJ, 2010.

DANIELS, H.. **Vygotsky e a pesquisa**. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011.

ENGESTRÖM, Y.. **Learning by expanding: an activity-theoretical approach to developmental research**. Helsinki: Orienta-Konsultit, 1987.

GOLEMAN, D.. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

HELLER, A.. **Teoria de los Sentimientos**. México, DF: Distribuciones Fontamara, S.A., 1993.

KOZULIN, A.. O Conceito de Atividade na Psicologia Soviética: Vygotsky, seus discípulos, seus críticos. In: DANIELS, H.. **Uma Introdução a Vygotsky**. São Paulo: Edições Loyola, 1996, pp. 111-137.

LEONTIEV, A. N.. Uma Contribuição à Teoria do Desenvolvimento da Psique Infantil. In: VIGOTSKII, L. V.; LURIA, A. R. & LEONTIEV, A. N.. (Org.) **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10a. ed. São Paulo: Ícone, 2006. pp. 59-83.

LIBÂNEO, J. C.. **Adidática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov**. Revista Brasileira de Educação. 27, 2004, set/out/nov/dez. pp. 5-24.

MAFFESOLI, M. (2005). **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 2.ed. Vol.1 São Paulo: Nova Cultural, 1985.

TEIXEIRA, E. (2005) **Vigotski e o materialismo dialético: uma introdução aos fundamentos filosóficos da Psicologia Histórico-Cultural**. Pato Branco: FADEP, 2005.

MELLO, S. A.. **Linguagem, consciência e alienação: o óbvio como obstáculo ao desenvolvimento da consciência crítica**. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2000.

REY, F. L. G.. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

VYGOTSKI, L. S.. Pensamiento y palabra. In **Obras Escogidas: Vol. 2**. Madrid, España: Visor, 1982.

VIGOTSKI, L. S.. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. S.. **Psicologia Pedagógica**. 3a. ed.. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.